

## RESENHA DE "UM APÓLOGO" DE MACHADO DE ASSIS EM SEIS VOZES, ORGANIZADO POR ÂNGELA VAZ LEÃO

*Review of "Um apólogo" de Machado de Assis em seis vozes,  
organized by Ângela Vaz Leão*

**LEÃO, Ângela Vaz (Org.). "Um apólogo" de Machado de Assis em seis vozes.  
Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2015.**

Walter Carlos Costa

Universidade Federal de Santa Catarina/Universidade Federal do Ceará/CNPq  
Florianópolis, Santa Catarina/Fortaleza, Ceará, Brasil

Existe certo consenso de que a literatura brasileira carece de divulgação adequada no exterior, se comparada com outros produtos da cultura do país como o futebol, a publicidade, a moda, a telenovela e a música popular. Isso é particularmente verdadeiro no hemisfério norte, mesmo para autores cultuados pelos especialistas brasileiros e estrangeiros, como Machado de Assis. Embora haja exceções notáveis, como a Holanda, graças ao trabalho do tradutor, crítico e memorialista August Willemsen, as traduções publicadas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos costumam ser poucas e nem sempre representativas do *corpus* machadiano. Coleções prestigiosas como a *Bibliothèque de la Pléiade*, da Gallimard, na França, ou a *Meridiani*, da Mondadori, na Itália, ainda não contêm obras brasileiras. Várias iniciativas têm sido tomadas para contornar essa situação, entre elas edições com participação de brasileiros, como a *Machado de Assis Anthology*, organizada por Ian Alexander e Rosalia Neumann Garcia, publicada como e-book Kindle pela Amazon.com (sem data), ou por brasileiros bilíngues como *Un capitaine de volontaires*, traduzida por Dorothee de Bruchard e publicada pelas editoras alternativas La Découvrance & Les Arêtes (2015).

"Um apólogo" de Machado de Assis em seis vozes se inscreve nessa corrente. Trata-se de um empreendimento universitário e memorialístico, de estudos literários e de estudos linguísticos. Faz parte também de projetos que reúnem um pequeno texto traduzido a várias línguas, como *Poema de sete*

*faces*, de Carlos Drummond de Andrade (Companhia das Letras, 2011), que foi objeto do minucioso estudo de Berthold Zilly "Uma antologia sui generis: Sete faces do 'Poema de sete faces', de Carlos Drummond de Andrade" (in: Marie-Hélène Catherine Torres; Luana Ferreira de Freitas; Walter Carlos Costa, orgs. *Literatura traduzida: Antologias, coletâneas e coleções*. Fortaleza: Substância, 2016, pp. 155-231). É, ainda, um livro bastante pessoal, em que Ângela Vaz Leão reúne colegas, amigos e um familiar, um pouco como costumam fazer, de modo frutífero, os músicos populares brasileiros.

O livro, publicado pela Editora PUC Minas, revela a força do sistema universitário brasileiro. Contrariamente ao que acontece em países como a França, os Estados Unidos, a Alemanha e a Inglaterra, onde a cultura letrada é discutida em suplementos dos jornais, no rádio e na televisão, no Brasil a discussão de temas literários está praticamente restrita às publicações acadêmicas.

A dedicatória já diz muito sobre o projeto: os homenageados são, de um lado, o professor e crítico Wilton Cardoso, que formou gerações de professores e pesquisadores na área de Letras da UFMG, e, de outro, uma das colaboradoras do livro, amiga e ex-aluna, falecida antes de sua publicação, e o neto da organizadora, seu secretário e interlocutor. Como em outros momentos do livro, as gerações se cruzam e se alimentam.

No prólogo, Ângela conta como surgiu a ideia do livro. Lembra que tudo começou quando foi fazer uma de suas faxinas periódicas. Ao descartar papéis, descobriu uma antiga tradução sua, "L'aiguille et le fil", seguindo "A agulha e a linha", título da primeira publicação do texto na *Gazeta de Notícias*, em 1885, e que Machado renomeou "Um apólogo" quando o incluiu em *Várias histórias*, em 1896. Este e vários outros contos do volume foram utilizados nas aulas de tradução francesa cursadas pela organizadora. Devemos, portanto, o presente livro ao fato de que o ensino de francês como língua estrangeira incluía exercícios avançados de versão literária.

As outras evocações de Ângela reconstituem um Brasil mais culto que o atual, em que uma jovem se encantava com textos literários, contados pelo pai ou lidos na biblioteca da escola ou da igreja. Entre os textos recordados estão autores como Jules Verne, e também antologias e coletâneas que muitos intelectuais recordam como importantes em sua formação, como o *Tesouro da juventude*.

Lamentando o persistente pouco conhecimento da obra de Machado no exterior, Ângela planejou o livro com seis traduções de "Um apólogo": para o francês, o espanhol, o italiano, o romeno, o alemão e o inglês. Assim, abarcou

as principais línguas românicas e duas germânicas, embora, como ela mesma observa, o romeno seja mais latino por sua estrutura que por seu léxico. O mesmo caberia dizer do inglês, cujo léxico se latinizou muito ao longo dos séculos.

Todas as tradutoras, com exceção da tradutora para o romeno, são brasileiras traduzindo um conto brasileiro para uma língua estrangeira. A tranquilidade com que Ângela detalha todo o processo indica bem a segurança linguística dessa geração com sólida formação filológica, abarcando língua e cultura, para a qual traduzir para uma língua estrangeira parece natural.

Ainda no prólogo, Ângela apresenta cada uma das tradutoras, justificando e louvando sua competência. Na formação das tradutoras brasileiras, chama a atenção, além da UFMG e da PUC Minas, a Aliança Francesa, o Instituto Goethe e o Instituto Brasileiro-Uruguaio de Cultura. A todas as tradutoras Ângela pediu um comentário livre. Com isso, pretendia "fazer do livro um possível material didático, utilizável em cursos de línguas estrangeiras" (p. 17), o que mostra uma preocupação teórica, crítica e também muito prática. As circunstâncias do texto se misturam com as circunstâncias da vida, e o relato de umas e outras dá uma dimensão biográfica e autobiográfica ao livro, que fica sendo, também, a história de um grupo de filólogas de Belo Horizonte, apaixonadas por línguas e literaturas e unidas por grande amizade.

A tradução para o inglês conta com duas tradutoras porque a tradutora inicial, Astrid Masetti Lobo Costa, faleceu depois de terminar a tradução, que foi revista por Suely Maria de Paula e Silva Lobo. Por outro lado, a tradutora para o espanhol, Melânia Silva Aguiar, ex-professora de Literatura Brasileira na UFMG, ex-diretora do Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro em Montevideu e professora na Pós-graduação em Letras da PUC Minas, é também a autora da introdução, "Entre o contingente e o universal", título que vale por uma síntese da estética de Machado de Assis. Melânia, que faleceu recentemente, situa o texto no conjunto da obra de Machado de Assis e destaca seus principais aspectos temáticos e procedimentos narrativos. Destaca as palavras "mucama" e "imperador", observando que elas, como outras, sugerem que "o fundo social está presente", embora o texto trate "de aspectos da psicologia humana". Melânia assinala ainda como um desafio para o tradutor a presença em "Um apólogo" tanto de arcaísmos como de vocábulos típicos da realidade brasileira da época.

À introdução seguem-se o texto original de "Um apólogo" e as seis traduções, cada uma precedida de uma pequena apresentação. Cabe lembrar

que "Um apólogo" é um dos textos preferidos dos antologistas escolares brasileiros, talvez por apresentar um Machado de Assis mais abordável, com uma "mensagem" mais clara e uma narrativa mais direta e menos ambígua. O próprio Machado pode ter sentido essa "facilidade" do texto, expressa no título "A agulha e a linha", e que, mudado para "Um apólogo", ganha um ar mais intelectualizado.

Em seu comentário, "A tradução dos pronomes de tratamento para o espanhol da América: explicação necessária", Melânia examina a questão dos pronomes de tratamento. Ela optou por usar a forma *vos* no final do conto, para denotar "o grau de informalidade do alfinete para com a agulha", o que cumpre, em sua opinião, dois objetivos: "manter três diferentes formas de pronomes de tratamento" e contribuir para a difusão de uma variante hispano-americana.

A tradução para o francês, de autoria da organizadora do volume, é mais ortodoxa em suas opções tradutórias, tanto na voz do narrador como nas vozes dos personagens. Não por acaso, talvez, Ângela Vaz Leão prefere discutir a "estruturação discursiva" do conto, "que o aproxima de uma peça de teatro". Enfatiza também o componente "moralista" (no sentido dos "moralistas" franceses como La Rochefoucauld e Vauvenargues) do Machado escritor, componente, podemos dizer, que perpassa toda sua obra.

A tradução para o italiano é de autoria de Lúcia Fulgêncio, professora de Língua Italiana e de Linguística da UFMG. Como Melânia, Lúcia se interessa pela oscilação no pronome de tratamento usado pela linha em relação à agulha, primeiro um distante "a senhora" e, depois, no calor da luta, "você"; suas opções são, respectivamente "Lei" e "tu" e "voi". Lúcia justifica sua escolha pelo fato de "voi" como tratamento singular, usado abundantemente na língua e na literatura italiana do século XIX, por exemplo por Manzoni no seu livro *I Promessi Sposi*, para indicar a segunda pessoa singular do discurso", o que daria "ao texto traduzido um caráter de época", embora reconheça que "o pronome *voi* italiano carrega um tom de formalidade não presente no uso do *tu* em português". A tradutora explica que, ainda se inspirando em Manzoni, usa o expediente da apócope de formas como *quel* para sugerir um arcaísmo que identifica no léxico machadiano.

Em "O bem coser do texto", Suely de Paula e Silva Lobo comenta a tradução que revisou e coassina com Astrid Masetti Lobo Costa. Suely não trata de problemas tradutórios; prefere se concentrar no exame do jogo de metáforas do texto como tecido.

Comentando sua tradução, Tarcísia Lobo Ribeiro examina o gerúndio, que considera uma das dificuldades da tradução do português para o alemão. Conclui que é impossível "verter o gerúndio empregado em português por um elemento verbal da mesma classe no alemão", e usa "elementos gramaticais ou lexicais", para contornar o problema.

Finalmente, Micaela Ghitescu, a única estrangeira das tradutoras, centra seu comentário na questão do gênero das palavras, questão evocada, aliás, no célebre ensaio "Aspectos linguísticos da tradução", de Roman Jakobson. Micaela nota que agulha (*acul*) é do gênero masculino, mas linha (*ața*), do gênero feminino, e conclui:

no "Apólogo" em romeno, o diálogo entre *acul* e *ața* é um confronto entre os dois sexos, o que – diríamos nós – não deixa de acrescentar um matiz psicológico ao texto machadiano: se bem que cada um dos dois protagonistas demonstre menosprezo para com o trabalho do outro, *acul* tem uma atitude bastante "machista" enquanto *ața*, ainda que chamada de "orgulhosa", prefere em dado momento encerrar a discussão, calar-se e... ir andando. (p. 72)

Concluindo, podemos dizer que "*Um apólogo*" de Machado de Assis em seis vozes constitui uma contribuição para a crescente mundialização de Machado de Assis, dentro de um enfoque *sui generis*, reunindo virtudes filológicas raras nos dias que correm e tratando aspectos temáticos, narratológicos e tradutológicos, mesmo que a disciplina dos estudos da tradução não seja mencionada.

**WALTER CARLOS COSTA** é professor do Departamento de Língua e Literatura estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina, pesquisando literatura hispano-americana (sobretudo a obra de Jorge Luis Borges), Literatura Comparada, Estudos da Tradução (especialmente a conexão entre literatura traduzida e literatura nacional) e Literatura Fantástica Francesa. Foi presidente da ABRAPT (Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução na gestão 2010-2013). Atualmente está em colaboração técnica no Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará. E-mail: walter.costa@gmail.com

Recebido: 29.02.16  
Aprovado: 24.03.16